

A Europa vista por um madeirense: uma leitura de *Viagens* de João dos Reis Gomes

PAULO CÉSAR VIEIRA FIGUEIRA*

O presente estudo tem em conta a nossa leitura de *Viagens*, de João dos Reis Gomes,¹ publicado em 2020 pela Imprensa Académica, e reúne os três volumes de literatura de viagem da autoria deste autor madeirense.

Um dos principais objetivos do nosso trabalho é dar a conhecer que, na Madeira, além da habitual literatura de viagem, fruto de escritores viajantes que vêm conhecer o arquipélago, também existe, da parte de escritores afeitos ao território madeirense, relatos de viagens realizadas ao exterior, mais

* CECComp - Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8999-6227>. E-mail: paulocv@sapo.pt.

1 O Major João dos Reis Gomes (Funchal, 5/1/1869-21/1/1950) foi um importante jornalista, ensaísta, romancista, crítico literário e pensador da primeira metade do século XX madeirense. Com a patente de major, que quase se confunde com o nome próprio, dirigiu dois periódicos de relevo, o *Heraldo da Madeira* e o *Diário da Madeira*, respetivamente. Legou-nos várias obras relacionadas com a crítica teatral, além do drama histórico *Guíomar Teixeira*, baseado no romance histórico *A Filha de Tristão das Damas*. A sua ação também se estendeu às tertúlias, tendo sido o fundador do “Cenáculo”, e à fundação da delegação madeirense da Sociedade Histórica para a Independência de Portugal. Foi membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. João dos Reis Gomes é tido como o primeiro, a nível mundial, a fundir a arte teatral com a arte cinematográfica, na representação de *Guíomar Teixeira*. Foi o principal impulsionador do programa de comemoração dos 500 anos do Arquipélago da Madeira, entre dezembro de 1922 e janeiro de 1923.

precisamente ao estrangeiro, que se englobam nesta categoria literária. No trabalho sobre as reportagens de João dos Reis Gomes, pensamos explorar os percursos, os aspetos exóticos, as comparações com a Madeira e as reflexões proporcionadas pelos itinerários. *Viagens* é o resultado da compilação dos três volumes originais, *Através da França, Suíça e Itália* (1929), *Três Capitais de Espanha* (1931) e *Através da Alemanha* (1949), publicados, primeiramente, sob a forma de reportagem no *Diário da Madeira*.

A literatura de viagem apresenta-se, assim, como um relato de impressões de um escritor viajante, motivado pela sua passagem por um lugar estrangeiro e/ou exótico ou simplesmente fora da sua esfera pessoal. O relato poderá centrar-se em aspetos etnográficos, filosóficos, históricos, políticos, artísticos, religiosos, científicos, entre outros, resultantes do horizonte de interesses do escritor. *Viagens* constitui uma forma de conhecimento do mundo, mas também premissas para a construção do outro:

A narrativa de viagens apodera-se do ritmo e da técnica do episódio e do relato histórico, assegurando a cor local, através de um olhar testemunha, subjetivo. Surge, então, a categoria do escritor viajante, com uma dupla função: ser um olhar que escreve e, ao mesmo tempo, um escritor, longe da sua mesa de trabalho, e em permanente ação. (Mello 2010, 145)

Os textos da literatura de viagem também não deixam de constituir um roteiro para o leitor, uma proposta de caminhos e testemunhos percorridos pelo autor na sua deambulação e propósito de transmissão de uma visão de acordo com a viagem. O trabalho do escritor viajante é descrito nos seguintes termos por João dos Reis Gomes:

Em cada local, vários recantos de beleza nos empolgam e seduzem: ora a paisagem verdejante ou desértica dos campos, ou a natureza agreste e agitada das costas; ora um ambiente sereno e piedosamente emotivo; ora, a arte e a história fundindo-se para uma sugestiva evocação longínqua e para a admiração de monumentos que desafiam o génio, o fausto e até a audácia artística de todos os tempos [...]. (Gomes 2020, 230)²

2 A edição da obra em estudo, como já referido e perceptível nesta primeira citação, é a de 2020. De ora em diante, toda a referência à mesma se fará mediante simples indicação parentética da página correspondente aos excertos convocados e/ou transcritos.

Deste modo, *Viagens* encerra, como testemunho do escritor viajante, um propósito cinematográfico, o de “reconstituir um pouco dessa visão magnífica, mas... quase cinematográfica” (*Ibidem*, 23), no sentido da persistência de uma visão em fotogramas do imaginário recolhido e entranhado durante o percurso, porque:

Para esse autor [o escritor viajante], a escrita está diretamente vinculada ao olhar. Ele se distingue de outra categoria, surgida, também, na mesma época: o turista, que viaja por prazer e não escreve, ou escreve apenas cartões e/ou cartas curtas, quase sempre apoiado por um “manual” de viagem, texto anônimo e impessoal, que lhe fornece pronto o roteiro dos prazeres que busca. (Mello 2010, 145)

A peregrinação de 1926

A segunda peregrinação madeirense³ a santuários marianos europeus realizou-se entre 5 de julho e 20 de agosto de 1926. Saindo do Funchal no navio “Formose”, a excursão dirige-se ao sul de França, a Lourdes e outras cidades francesas, entra em Itália, com visita a Roma e aos santuários italianos, além de Nápoles e as ruínas de Pompeia, segue para a Suíça, dirige-se a Paray, passa por Paris e termina em Bordéus, antes de se dirigir ao Funchal, no navio “Hoedic”. Os textos de João dos Reis Gomes são publicados, primeiramente, no *Diário da Madeira*.⁴

Entre vários peregrinos,⁵ encontra-se o Major João dos Reis Gomes, acompanhado pela família mais chegada, a esposa, Maria Dulce Reis Gomes, o filho, Álvaro Reis Gomes, a nora, Maria Vera Rebelo Reis Gomes, o sogro de Álvaro Reis Gomes, Francisco Alexandrino Rebelo, e Elisa Faria Rebelo e Cecília Rebelo, e pelos estimados amigos Pe. Fernando Augusto da Silva e Vicente Ângelo Gomes da Silva, “distintíssimo repórter” (Gomes 2020, 10), cujas fotos ilustrarão a edição em livro de *Através da França, Suíça e Itália*.

3 A viagem devia ter sido realizada a 12 de julho de 1925, de acordo com a revista *A Esperança* de 1 de novembro de 1924, pp. 339-341. A organização era uma parceria entre as autoridades religiosas madeirenses e a empresa do senhor Pietro Stoppini.

4 Periódico *Diário da Madeira* de 10, 14, 17, 21, 24, 28 e 31 de outubro, 1926; 4, 7, 11, 14, 21, 25 e 28 de novembro, 1926; 5, 10, 12, 16 e 23 de dezembro, 1926; e 6, 9, 13 e 16 de janeiro, 1927. Sobre esta informação, consultar também Luís Marino, *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira*, 66-72.

5 A lista de peregrinos é divulgada pelo periódico *Diário da Madeira*, 7 de julho, 1926: 3, “Peregrinação madeirense a Lourdes e Roma” e pelo *Diário de Notícias* do Funchal, 7 de julho, 1926.

A primeira parte de *Viagens*, “Através da França, Suíça e Itália”,⁶ baseia-se na reportagem de intenção não religiosa, demonstrada logo no prólogo da obra: “Tinham-me alguns amigos pedido, com penhorante insistência, que lhes desse umas breves impressões desta peregrinação” (*Ibidem*, 23). Contudo, João dos Reis Gomes não pretende analisar os assuntos religiosos porque não se sente competente para escrever sobre essa matéria: “evitarei invadir, porém, esse delicado campo que outros, com preparação própria e bem definida autoridade, tão amorosamente cultivam” (*Ibidem*, 23-24). Para esse efeito, o autor averba que:

ninguém melhor do que o Ex.^{mo} Vigário-geral, chefe espiritual deste agrupamento madeirense, — pela sua inteligência, pela sua fé religiosa e até pelos primores da sua bondade verdadeiramente cristã — poderá informar ou esclarecer os que tenham sobre o assunto interesses ou curiosidades acentuadamente de ordem mística. À sua palavra tão culta como eloquente e comunicativa, recomendo quantos queiram ter um conhecimento preciso e detalhado do que constitui a parte religiosa desta peregrinação. (*Ibidem*, 24)

À passagem por Lourdes, com a descrição do santuário e a missa celebrada pelo Pe. Fernando Augusto da Silva, Reis Gomes avalia como “bela e florescente [a] cidade, saída da obscuridade duma gruta” (Gomes 2020, 31), ironizando, com uma crítica subtil, sobre o seu comércio: “Afirmam-nos que quase todo este comércio é feito por judeus parodiando certas aves que chocam os seus ovos no fofo ninho das outras [...]” (*Ibidem*, 31).⁷

Seguiu-se Marselha e a visita à basílica de Nossa Senhora da Guarda e Chatêau d’If, a prisão política, cenário de *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Em Nice, a excursão continuou pela costa francesa, levando o autor a comparar a beleza da paisagem madeirense com a da Côte d’Azur, e a

6 Se tomarmos em conta o carácter de peregrinação que levou à realização do itinerário que passa pela França, Itália e Suíça, é possível cruzar o relato de João dos Reis Gomes com o do Pe. Jacinto da Conceição Nunes, cujos testemunhos são editados na revista *A Esperança*, entre 1923 e 1925, e contam episódios da primeira peregrinação madeirense a Roma e ao santuário mariano de Lourdes. O texto do peregrino Pe. Jacinto da Conceição Nunes constitui, em nosso entender, um tipo de literatura de viagem próximo da reportagem da peregrinação religiosa, ao contrário do do Major.

7 Parece haver, na recolha desta impressão sobre o comércio promovido pelos judeus, um certo reflexo do sentimento antisemita que se vem a difundir pela Europa no início de Novecentos.

afirmar que a beleza não se esgotou na paisagem da ilha, nem se furtou a olhar para a Madeira como uma força da natureza, ao passo que na Côte d'Azur há “a delicadeza de tons e de desenho que eu vejo e admiro nesta costa” (*Ibidem*, 60).

Finda a primeira passagem por França, a peregrinação avança para a Itália, onde parece seguirem-se alguns dos episódios mais hilariantes da viagem de João dos Reis Gomes. Desde o elogio aos camisas negras no comboio para Génova, à receção do Papa Pio XI à comitiva madeirense, em Roma, passando pelas peculiares visitas a Nápoles e a Pompeia, pelo santuário do Loreto, Assis, Pádua e Milão, antes dos madeirenses seguirem para território helvético.

Em Itália, o escritor viajante, através de dois episódios, demonstra admiração pela ordem política de Mussolini, o que oferece a sugestão de contrastar com a situação portuguesa. No comboio para Génova, João dos Reis Gomes nota o papel dos “camisas negras”: “Encaram-nos serenamente, mas olham-nos, um a um, com atenção, como se nos estivessem a contar e a fixar o rosto e tipo dos passageiros” (*Ibidem*, 57). A simpatia manifestou-se, de forma mais evidente, a caminho de Pádua.

Um furúnculo, que não permitia que João dos Reis Gomes se acomodasse de acordo com as regras, fez com que o viajante ficasse de mau humor por causa da intervenção dos “camisas negras”. Resolvida a situação, seguiram-se considerações elogiosas: “[os camisas negras eram] rapazes perfeitamente educados” (*Ibidem*, 157), “que sabem temperar o zelo pelo serviço com uma rara afabilidade” (*Ibidem*, 157), “gente a quem nunca recorri para um informe que o não obtivesse imediatamente” (*Ibidem*, 157). A Itália é, então, aos olhos de Reis Gomes, o local onde “[o] viajante sente a perfeita comunhão do povo com o salvador da Itália [Mussolini]” (*Ibidem*, 157).

Outro episódio marcante, é a receção do Papa Pio XI à comitiva madeirense, em Roma. Além do evento reportado no *Diário da Madeira* (10 de agosto de 1926), na reportagem de *Viagens*, são dedicadas algumas páginas aos vários locais de interesse da cidade, recheada de descrições e histórias que chamam a atenção do leitor, como é de salientar a visita ao Museu do Vaticano, repleta de descrições de peças de arte e vultos assinaláveis da história da Humanidade.

Seguiu-se a visita a Nápoles. Uma narrativa rica de exotismo e humor, como a visita ao aquário, em que o escritor viajante é ludibriado pelo cocheiro, e só se dá conta de que foi enganado, quando abandona o edifício e ouve a desculpa do italiano, a argumentar que da última vez que lá esteve foi em criança e que agora, provavelmente, os peixes estariam mortos: “*Forse, adesso, i pesci saranno morti* [...] (É possível que, agora, os peixes já estejam mortos [...])” (Gomes 2020, 117). Em Pompeia, a crítica dirige-se aos turistas americanos,

pelo preconceito do novo-riquismo associado à suposta falta de cultura, o que é uma constante ao longo da viagem, especialmente em Marselha, Pompeia e Paris. O humor centra-se, então, na sugestão do guia a falar de um café existente em Pompeia, no tempo do Império Romano:

O guia indicou-me numa rua, não me lembro qual, um *café* em excelente estado de conservação: uma pequena sala com mesas redondas e assentos baixos, vendendo-se sobre um balcão, ao fundo, ânforas e outros vasos, além duma caldeira de bronze destinada a bebidas quentes, e, pelas paredes, restos mal definidos de alguns frescos. Era o chamado *Termopolium*. No dizer do guia, e para a maioria da gente americana em excursão, o genuíno precursor do *Café da Paz*, em Paris [...]. (Gomes 2020, 125)

Depois da estada em Nápoles, a excursão dirige-se a Assis e ao Loreto. João dos Reis Gomes aproveita para tecer algumas considerações meritórias sobre a Igreja, os santos de Assis (São Francisco e Santa Clara) e o mito da Santa Casa que, por milagre, se transportou até ao Loreto. Ou seja, existe a preocupação em compreender os santos como figuras icónicas do papel da Igreja.

Neste episódio, o autor continua a demonstrar ser um bom contador de histórias, com a narração das vidas de São Francisco e Santa Clara (Gomes 2020, 132-137), através das obras de Giotto, presentes na catedral. Na apresentação de São Francisco de Assis, Reis Gomes cita o Cristo bizantino com a expressão “Igreja decadente” (*Ibidem*, 137), o que poderá ser uma abordagem à Igreja do seu tempo e uma subtil crítica à laicização da sociedade, se atendermos ao caso da 1ª República portuguesa. Já no Loreto a reflexão, exemplificada através de um grupo de peregrinos presente no santuário, é centrada na inexplicabilidade da fé: “mas a Deus nada é impossível: e nesta fórmula fundamental se louvam os espíritos piedosos para aceitá-lo com toda a força da crença na onipotência do Senhor” (*Ibidem*, 143).

Em Florença, o autor tem oportunidade de se deliciar com a beleza da cidade do Arno. Em certos momentos, fá-lo sozinho “[m]al como e não paro. Um carro leva-me agora à igreja de S. Lourenço” (*Ibidem*, 149), porque se descreve como um visitante interessado e precavido na chegada aos Uffizi: “Entro, levando na mão os meus apontamentos a fim de não perder tempo e, na impossibilidade de ver tudo, encontrar facilmente as obras que mais de perto me interessam” (*Ibidem*, 152). Na cidade dos Médici, o berço da Renascença, a reportagem é feita à volta das obras de arte e das visitas aos inúmeros locais de interesse.

Depois de Florença, os peregrinos chegam a Pádua. O escritor viajante filosofa sobre a vida de Santo António e atribui o verdadeiro culto do santo aos paduanos e não aos lisboetas, porque, para estes, era visto, essencialmente, como o santo casamenteiro. A excursão dirige-se a Veneza, que se revela deslumbrante. Porém, João dos Reis Gomes usou a narração do *modus operandi* da justiça do tempo dos Doges, em que os juizes eram capazes de se autocondenar pelos seus falhanços, para criticar alguns juizes do seu tempo, classificando os “torvos juizes da Idade Média” (*Ibidem*, 177) com uma postura mais humilde do que a “[d]esse liberal juiz do nosso tempo” (*Ibidem*, 177). Atente-se na função enfática que os adjetivos “torvos” e “liberal” desempenham na construção do pensamento crítico, quase como uma ironia, em que num tempo menos iluminado haja uma justiça mais digna.

Já em Milão, a cidade que “por entre todas as lutas e vicissitudes, procurou manter o seu prestígio de grande centro industrial, científico e artístico” (Gomes 2020, 193) e onde “Os monumentos de arte e os templos da fé e da ciência estão resguardados pelas legiões de chaminés” (*Ibidem*, 193), os apontamentos sobre os principais pontos da cidade são o ponto alto da prosa: a Praça do Duomo e a Galleria Vittorio Emanuele II, o “Cenacolo”, de Leonardo da Vinci, o Palácio dos Sforza, o teatro Scala.⁸ A propósito da sala de teatro, João dos Reis Gomes, como dramaturgo e homem ligado a estas lides, fez uma visita: “Visitei-o com interesse, em companhia de dois bons amigos animados de igual curiosidade” (*Ibidem*, 189). Tal como acontecerá em Neubabelsberg, aquando da viagem à Alemanha, ao Scala é devida uma visita por ser um importante marco internacional: “Na mesma praça, e quase em frente do monumento de Leonardo da Vinci, está o *teatro della Scala*, conhecido em todo o mundo como o padrão de mérito de todos os artistas líricos” (*Ibidem*, 189), ao que se segue a apreciação do edifício, em termos de valências para a execução das peças de teatro.

Antes do regresso a França, os peregrinos madeirenses passam pela Suíça. Em território helvético, as saudades da Madeira adensam-se, por causa da paisagem, e “[h]á exclamações de surpresa e há lágrimas de saudade e alegria” (*Ibidem*, 195), porque “[o] espetáculo é, na verdade, grandioso e comovedoramente evocativo. Ninguém deixou de pensar, mais vivamente, na sua casinha da alterosa ilha” (*Ibidem*, 195). Cremos que, da Suíça, além do encontro com o ministro português em Berna, Bartolomeu Ferreira, e a visita a alguns locais de interesse, fica a reflexão sobre a Sociedade das Nações, em que é expresso

8 Como curiosidade, o Teatro Scala de Milão é o edifício que inspirou o Teatro Baltazar Dias, no Funchal.

o desejo de sucesso na manutenção da paz: “Que a Sociedade das Nações satisfaça, ao menos, à filosofia da máxima árabe [dar três voltas à língua antes de responder a uma agressão], e já será indiscutível a sua grande vantagem perante as graves questões internacionais” (*Ibidem*, 199-200).

No regresso a França, com passagens por Lyon e pelo Santuário de Paray, onde se conta a história de Margarida Maria Alacoque, a atenção do leitor, julgamos, centra-se na estadia em Paris e nos contrastes narrados. Reis Gomes ironiza com a Cidade-Luz, classificando-a como a “desvairada capital da luz” (Gomes 2020, 210).

As críticas centram-se no modo de vida dos parisienses e na arte, quer no que respeita à Torre Eiffel, por causa da falta de enquadramento com os restantes monumentos da cidade, quer às danças dos parisienses, influenciados por Josephine Baker,⁹ apelidada de forma depreciativa de “a desengonçada boneca de cacau” (*Ibidem*, 212). Em Paris, entendemos que João dos Reis Gomes fala de uma sociedade decadente, “Os velhos grotescamente seguem o desvairar dos jovens” (*Ibidem*, 211), longe do encanto de Versalhes, “Das poucas visitas realizadas em conjunto desde que a peregrinação entrou em Paris, devo destacar, como mais digna de interesse, a nossa excursão a Versalhes” (*Ibidem*, 213).

A passagem por Paris evidencia, na nossa ótica, o caráter conservador de João dos Reis Gomes, se nos lembrarmos dos elogios à Itália de Mussolini, longe do cosmopolitismo e vanguardismo da capital francesa. Provavelmente, devido à recente experiência política portuguesa, a 1ª República, a imagem de Paris, como um lugar e uma sociedade abertos a novas formas de viver o mundo, causa no escritor viajante uma perplexidade e uma aproximação aos valores conservadores.

O périplo pela Espanha

A exemplo de “Através da França, Suíça e Itália”, a reportagem de “Três Capitais de Espanha” foi, primeiramente, publicada no *Diário da Madeira*¹⁰ e relata a visita de João dos Reis Gomes às cidades de Burgos, Toledo e Sevilha, no

9 A artista franco-americana, nos anos 20 de Novecentos, empolgou a vida parisiense com novas danças e desempenhos cénicos. Foi, também, uma figura da resistência francesa, durante a Segunda Grande Guerra, e um dos rostos da luta contra o racismo. Josephine Baker (Saint Louis, 3/6/1906 – Paris, 12/4/1975) torna-se, em 2021, a primeira mulher negra sepultada no Panteão Francês.

10 Periódico *Diário da Madeira* de 25 de dezembro, 1930; 1 e 6 de janeiro, 1931; 8, 12, 19 e 29 de março, 1931; e 19 de abril, 1931.

verão de 1930. Dentro do mesmo estilo do registo da narrativa da segunda peregrinação, o autor mantém a incursão por roteiros culturais, numa narração de contador de histórias, com laivos de jornalismo e de escrita romanesca e plena de descrições, adjetivações e ironia.

O volume dedicado a Álvaro Reis Gomes, o filho e “*companheiro nestas digressões*” (Gomes 2020, 227), é um trabalho vestido sob a capa da humildade própria do escritor, mas também da sensibilidade que torna a escrita uma homenagem à experiência vivida e um testemunho para a posteridade:

Vou dizê-las [as impressões de viagem]. E, no entanto, não posso fazer aqui nem obra de erudição, nem um trabalho crítico, nem mesmo um labor literário.

Mas, porque escrevo, então?! Primeiro, por uma imposição de espírito ou, melhor, de sensibilidade, que me não deixa conter as emoções colhidas — [...]; segundo, porque, dado o direito de admirar, na apreciação de qualquer facto, país ou obra de arte, há sempre um certo fator subjetivo — [...] que, dando às cousas brilho ou sombra, desfigurando-as mesmo, lhe conferem feição nova, mais não seja, no sentido de diferente [...]. (Gomes 2020, 229)

Em Burgos, está presente a crítica ao estado da cidade numa comparação com o que se passa no caso português: “Faz pena — e é caso bem vulgar em Portugal e Espanha — ver tão belo monumento oprimido entre casebres que, destoantes neste concerto de grandeza, ainda o entaipam e afeiam logo à entrada principal” (*Ibidem*, 234).

Perante tal estado, Reis Gomes confessa que “[f]oi único fito meu, dar uma impressão da Catedral” (*Ibidem*, 234), o famoso templo gótico, que oferece ao leitor uma panóplia de descrições da fina arte do edifício e do seu interior, “mas apenas para a visão dum ou outro pormenor, pois só a Catedral daria um livro” (*Ibidem*, 230). Contudo, “Burgos possui outros monumentos de valor” (*Ibidem*, 234), o que leva o escritor viajante a uma visita a vários pontos da cidade e a abordar algumas histórias e personagens da história da cidade como a de “Rui de Bivar, o grande *Cid Campeador*” (*Ibidem*, 236), segundo a versão de Corneille e a do *Cantar de Mio Cid*.

Após Burgos, João dos Reis Gomes visita Toledo, a “capital” conquistada por Afonso VI, que “[j]á de longe se nos impõe à vista o pitoresco burgo que, dos godos e dos mouros, herdou o eriçado contorno de cortinas crenuladas que o envolvem” (*Ibidem*, 241). Toledo é o “resto quase intacto da dominação mourisca na Península” (*Ibidem*, 241) e impõe a narração da pequena história de Berenguela para justificar que “Os costumes dos muçulmanos da Espanha

distinguiam-se, em muito, dos hábitos dos muçulmanos do Oriente” (*Ibidem*, 242), uma vez que acordaram levantar o cerco a Toledo, perante os desejos da filha de Raimundo III. O relato da estada em Toledo é interessante e dentro do esquema narrativo de Burgos: é dada a localização geográfica, enfatizam-se as figuras históricas e culturais da cidade, descrevem-se os monumentos, narram-se histórias relacionadas com a cidade e oferece-se uma perspectiva etnográfica. À saída de Toledo é esta a impressão que deve imperar no visitante: “Ninguém de sensibilidade e gosto pode, uma vez aqui, alhear-se deste ambiente pitoresco e singularmente original” (*Ibidem*, 250).

Mais para sul, João dos Reis Gomes chega a Sevilha, a cidade da catedral de Santa María de la Sede, monumento que o escritor-viajante “se apressa a ir ver” (Gomes 2020, 251). No meio das visitas à Catedral, à Giralda e a outros locais icónicos da capital andaluza, surge o paralelo entre o D. Pedro I castelhano e o D. Pedro I de Portugal, sobrinho e tio, respetivamente, acabando por ser considerado o castelhano como o “Cru”, porque “foi cruel e despótico” (*Ibidem*, 259), e o português como o “Justiceiro”, porque “foi, sobretudo, cruel para os matadores de Inês; mas, após a vingança, procurou merecer apenas o epíteto de justiceiro” (*Ibidem*, 259).

No que toca aos artistas da cidade, o pensamento crítico de João dos Reis Gomes incide sobre Murillo e Velázquez, numa apreciação interessante da obra dos dois pintores sevilhanos e a sua afirmação como mestres da pintura espanhola, reconhecidos em todo o mundo.

Porém, há dois episódios que demonstram a procura do escritor viajante pela alma popular da cidade: o convívio sevilhano e a visita ao bairro de Triana.

Em relação ao convívio, o texto diz que se trata de um certo espírito democrático do espanhol e que, no andaluz, demonstra não haver as regras das fingidas convenções de convivialidade:

Cada um no seu lugar, toda a gente confraterniza aqui na Espanha, sem pensarem os de baixo em confundir-se com os de cima, nem estes, pelo facto, se sentirem rebaixados. Belo traço de carácter deste povo fundamentalmente cavaleiresco, e que sabe usar, na melhor conta, de tão digna e cativante qualidade (Gomes 2020, 253).

No que respeita à visita ao bairro cigano, a Triana, o escritor viajante confessa que era seu desejo visitar os bairros sevilhanos, “[h]á horas que me inclino para aqui com a maior curiosidade. É dos sítios mais interessantes de Sevilha: o que lhe falta em arte, sobra-lhe em originalidade e pitoresco” (*Ibidem*, 264).

Ao estilo com que descreve as danças parisienses, João dos Reis Gomes faz a descrição da visita a Triana, onde nos enche com pormenores etnográficos e com uma narração sensual da vida cigana. Depois de se sentir tão à vontade “como se a gente que aqui mora fosse já muito minha conhecida” (*Ibidem*, 265), encontra duas mulheres descritas da seguinte maneira: “Enquanto a casada, satisfeita, nos convida a ver a alcova, a cozinha, o oratório — cheio de imagens com lâmpadas acesas — e anichado sob um arco mouro, em ferradura, a outra ri, desdenhosa de tanto entusiasmo: — já me parece um guia *enseñando el Palacio de Oriente*” (*Ibidem*, 265).

“Sevilha”, a mais extensa das três reportagens de “Três Capitais de Espanha”, procura demonstrar que a cidade é uma panóplia de culturas que se foram mesclando nas margens do Guadalquivir até formarem a urbe que se tornou a porta de entrada das riquezas das Américas na Europa.

A memória alemã

No verão de 1931, o diretor do *Diário da Madeira* desloca-se até à Alemanha. João dos Reis Gomes resolveu, então, escrever umas impressões de viagens publicadas no jornal que dirigia.¹¹

Quase duas décadas depois, surge a publicação em livro que não era intenção na década de 30, porque João dos Reis Gomes “[c]onsiderava que, antes da última Grande Guerra, estas impressões de viagem não teriam outro interesse que não fosse o derivado, exclusivamente, da minha [sua] visão pessoal sobre factos e matérias que tantos, como eu [ele], poderiam observar” (Gomes 2020, 283).

Contudo, em 1949, quase numa forma de ver a história como *exemplum* ou de libertação do passado,¹² o autor espera que as suas impressões sejam:

apenas elementos para um confronto entre o passado [1931] e o presente [1949]; confronto que, por tão desolador como expressivo, oxalá pudesse contribuir — ingénua utopia! — para adoçar a alma e prevenir a consciência dos que facilmente se inebriam com certas atitudes e palavras, e, de futuro, se inclinem a alentar

11 Periódico *Diário da Madeira* de 10 e 13 de setembro, 1931; 25 de dezembro, 1931; 1, 3, 17 e 31 de janeiro, 1932; 15, 22 e 29 de maio, 1932; 5, 16 e 23 de junho, 1932; e 3 de julho, 1932.

12 Consideramos que as palavras de João dos Reis Gomes também transmitem uma visão da história com uma função presente futuro, no sentido em que Diogo Ramada Curto aponta que a história “nos liberta do passado” (Curto 2013, 13).

e a dar apoio — o que se pressente já — a novos organizadores de catástrofes. (Gomes 2020, 283)

Chegado a Hamburgo, a descrição centra-se numa cidade diferente das anteriormente visitadas. Uma cidade portuária, cheia de vida e com um bairro alegre, o bairro de S. Paulo, que é comparável com os locais de divertimento parisiense:

Saindo dos automóveis, atravessando as ruas, correndo sobre os passeios, raparigas lindas, vindas de toda a parte, e exaltando com *baton* os dons da natureza, seguem, dando o braço — ou os dois braços — a rapazes e velhotes de *smoking*, levando-os, ou deixando-se levar, gostosamente, para os diversos centros de bulício. A pintura das faces, dos olhos e dos lábios — tremenda, com certeza, em pleno dia — sob a policromia das lâmpadas, faz de qualquer destas bonecas um demónio tentador. (Gomes 2020, 294)

O ambiente no maior porto alemão faz parecer que o país não vive os dias da grave crise financeira que atravessava, o que merece a seguinte reflexão: “Hamburgo dificilmente a denuncia [crise financeira] ao visitante que não faça interrogações sobre o assunto. Mas, pelo trânsito de estrangeiros, creio que se torna a crise, aqui, menos profunda do que noutros grandes centros do país” (*Ibidem*, 295).

A Hamburgo segue-se Berlim, onde, por entre os elogios à cidade, retomamos esta reflexão sobre arte na admiração dos novos edifícios berlinenses:

Não temos uma simpatia fanática pela *edificação modernista*, por essas construções acaixotadas que reduzem todo o contorno a linhas retas e todo o volume a paralelepípedos, substituindo a arte do arquiteto pelo gosto inculto dum bom pedreiro prático. Mas cremos, sem dúvida, na evolução artística, e entendemos que, principalmente em artes de construção modalizadas com as constantes conquistas da indústria e da ciência — a nova técnica condiciona novas linhas; e que, às conveniências de hoje, se tem de subordinar a arrumação das atuais plantas e alçados. Novo, porém, não é antítese de belo; nem simplicidade se opõe à proporção: antes a simplicidade aliada à proporção — aliança difícil, mas basilar em toda a arte — constituem os dois principais fatores da elegância estética (Gomes 2020, 303).

Depois, há a paragem em Potsdam, com visita ao palácio de Frederico II da Prússia, Sanssouci, e a narração de um episódio sobre o antigo soberano.

A viagem segue por Neubabelsberg, onde o leitor é levado pela entusiástica descrição do centro de filmagens da UFA (Universum-Film Aktiengesellschaft), considerado uma Meca para os cinéfilos da altura, porque Neubabelsberg “é constituída, quase exclusivamente, pelos bosques, lagos, estabelecimentos, oficinas, casas e população da UFA” (*Ibidem*, 316), ou seja, tudo nesta localidade faz parte do enorme estúdio.

O estúdio da UFA é visto como um mundo à parte, dominado pelos grandes atores do tempo, numa situação diferente do conhecido mundo da realização portuguesa: “E como tenho predileção pelas realizações da UFA, não quis perder o ensejo de observar, de perto, a vida interna deste novo e aliciante mundo” (*Ibidem*, 317). Para completar a visita, deu-se a oportunidade de observar uma filmagem.

Na Alemanha, o outro episódio que desperta a atenção é a subida do Reno, posterior à passagem por Colónia. A navegação é feita Reno acima e com apontamentos sobre as diversas passagens, em que nos retemos na lenda de Loreley, “a alcantilada riba plena de vinhedos, irrompe, brusca, no rio, transformada em alta e desnuda escarpa: é o rochedo de Loreley, antiga região de gnomos” (*Ibidem*, 339), que estará na origem do livro de Reis Gomes *A lenda de Loreley contada por um latino*, editado em 1947.

No final da subida do Reno e após uma descrição poética da paisagem, João dos Reis Gomes desembarca em Wiesbaden. Segue-se a cidade de Mainz, com a imperativa entrada no museu de Gutenberg, em que João dos Reis Gomes afirma que “[n]ão é sem emoção” (*Ibidem*, 347) que, como jornalista e escritor, visita o espaço que homenageia o inventor da imprensa, e que contribuiu para a vulgarização da escrita e facilitou o acesso ao conhecimento e à informação:

Tudo está apresentado com o a-propósito mais discreto e disposto por forma a levar-nos até ante-meados do século XV, sentindo-se, ali, a angustiada sombra desse grande torturado, na luta do burril contra o buxo, criando o sublime invento; mas, por falta de recursos, impossibilitado de dar-lhe as reproduções metálicas — afim de mostrar a todos, inimigos e amigos, como da sua obra viria a larga vulgarização da escrita, presa, até então, ao pergaminho, o exemplar único, por vezes, avaramente guardado pelo seu feliz possuidor. (Gomes 2020, 347)

Por entre diversos episódios em território germânico, todos dotados de uma extrema curiosidade em que se nota o génio alemão mesclado com a natureza do país, percebe-se o porquê da edição em livro das reportagens, em

1949. É um testemunho que procura legar a potência civilizadora da Alemanha e que nos faz refletir, enquanto leitores atuais, que, nas diferentes conjunturas de crise, os germânicos conseguiram recuperar essa pujança civilizacional.

Conclusão

Viagens constitui, na nossa ótica, um dos melhores exemplos do escritor viajante insulano, em particular do madeirense, que descreve partes do bloco continental europeu, numa experiência de viagem cultural. O caráter de reportagem vem acentuar a natureza reveladora da literatura de viagem, em que o escritor viajante, perante uma panóplia de novas sensações advindas de um meio diferente do original, provoca o leitor com o seu testemunho, numa prova de orientação e de afirmação de um espaço “outro”, desconhecido ou não.

Ao intitularmos este pequeno ensaio de “*Viagens*, de João dos Reis Gomes: a Europa vista por um madeirense, na primeira metade do século XX”, tivemos a pretensão de enquadrar os testemunhos de João dos Reis Gomes na alvorada de uma época em que as viagens e a indústria do turismo começam a apresentar um caráter de massificação, quer seja por uma natureza religiosa, o turismo religioso, em voga no pós-Primeira Grande Guerra, quer seja em viagens de caráter laico, como são os casos dos périplos pela Espanha e pela Alemanha.

Pensamos que, em matéria de autores madeirenses que escrevem sobre outras latitudes, há um vasto campo por investigar. O exemplo de João dos Reis Gomes sugere hipóteses de investigação acerca de relatos de autores madeirenses por espaços “outros”, de que damos o exemplo, neste trabalho, do texto do Pe. Jacinto da Conceição Nunes, “A Roma e Lourdes, por mar e terra. Impressões de um peregrino madeirense”, resultante da primeira peregrinação madeirense. Outro termo de comparação é sugerido com os relatos do filho de João dos Reis Gomes, Álvaro Reis Gomes, que nos legou alguns registos sobre Europa.¹³

No que se refere a *Viagens*, o texto de João dos Reis Gomes encerra um estilo próprio, com laivos de reportagem jornalística, minúcia descritiva, onde proliferam os adjetivos, extensas descrições, plenas de cultura e pensamentos de âmbito filosófico e político. Outra característica que fixa o leitor ao texto é a

13 Os textos de Álvaro Reis Gomes foram publicados como uma mini série de crónicas, “Postais da Europa”, no *Diário da Madeira*: “Londres” (1 e 4 de setembro, 1928), “O coração da Bélgica” (5 de setembro, 1928), “Ostende” (7 e 12 de setembro, 1928), “Bruges” (15 de setembro, 1928) e “Bruxelas” (25 de setembro, 1928).

veia humorística do escritor viajante, que encara determinadas situações com maturidade intelectual. Ainda em relação ao estilo, nas descrições é procurado o enquadramento de léxico e expressões locais, na tentativa de uma maior factualidade da narrativa e do imaginário relatado.

Parece igualmente importante o pormenor da medida de algumas situações ao relacioná-las com a Madeira, talvez numa extrema demonstração de afeto e, ao mesmo tempo, da dimensão do mundo vista e apropriada pelo viajante ilhéu. No final de “Através da França, Suíça e Itália”, João dos Reis Gomes fala dessa medida capaz de ofuscar todo o imaginário vivido: “Por momentos, ante a visão da pequenina terra [a Madeira], apaga-se-me da memória a lembrança dessa existência [a peregrinação] de tão grande e variada beleza que eu acabo, febrilmente, de viver” (Gomes 2020, 223).

Por tudo o que aqui se descreve, a literatura de viagem é um exercício de memória que abrange a relação mnemónica do souvenir cultural, etnográfico ou da natureza do texto projetado pelo autor, além de uma possível fonte da história.

Fontes

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA [ARM]

MARINO, Luís. s.d. “Reis Gomes, João dos”. In *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira [1950/1986]*, org. Luís Marino, vol. 5, , 66-72 [Texto inédito, Arquivo Luís Marino, ARM].

Diário da Madeira, 7 de julho, 1926; 10, 14, 17, 21, 24, 28 e 31 de outubro, 1926; 4, 7, 11, 14, 21, 25 e 28 de novembro, 1926; 5, 10, 12, 16 e 23 de dezembro, 1926; 6, 9, 13 e 16 de janeiro, 1927; 1, 4, 5, 7, 12, 15 e 25 de setembro, 1928; 25 de dezembro, 1930; 1 e 6 de janeiro, 1931; 8, 12, 19 e 29 de março, 1931; 19 de abril, 1931; 10 e 13 de setembro, 1931; 25 de dezembro, 1931; 1, 3, 17 e 31 de janeiro, 1932; 15, 22 e 29 de maio, 1932; 5, 16 e 23 de junho, 1932; 3 de julho, 1932.

Diário de Notícias do Funchal, 7 de julho, 1926.

Revista *A Esperança*, 1 de novembro, 1924.

Bibliografia

CLARA, Fernando. 1997. “As cidades e as ilhas: algumas reflexões a propósito do enquadramento teórico da literatura de viagens”. In *Literatura de Viagem: Narrativa, História, Mito*, org. Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento & Maria Luísa Leal, 579-587. Lisboa: Cosmos.

COLLOT, Michel. 2014. *Pour une Géographie Littéraire*. Paris: Éditions Corti.

- CRISTÓVÃO, Fernando. 2002. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Coimbra: Almedina.
- CURTO, Diogo Ramada. 2013. *Para que serve a história?*. Lisboa: Tinta da China.
- MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. 2010. "O relato de viagem – narradores, entre a memória, o fictício e o imaginário". *Niterói* 28: 141-152.
- GOMES, João dos Reis. 1929. *Através da França, Suíça e Itália*. Lisboa: Livraria Clássica.
- GOMES, João dos Reis. 1931. *Três Capitais de Espanha: Burgos-Toledo-Sevilha*. Funchal: Diário da Madeira.
- GOMES, João dos Reis. 1949. *Através da Alemanha*. Lisboa: Livraria Clássica.
- GOMES, João dos Reis. 2020. *Viagens*. Funchal: Imprensa Académica.
- NEPOMUCENO, Rui. 2010. "A Primeira República na Madeira". *Islenha* 47: 45-68.
- NUCERA, Domenico. 2002. "Los viajes y la literatura". In *Introducción a la Literatura Comparada*, org. Armando Gnisci, 241-290. Barcelona: Editorial Crítica.
- OPITZ, Alfred. 1997. "Viagem e memória. A construção de um passado por-vir em relatos sobre a Península Ibérica". In *Literatura de Viagem: Narrativa, História, Mito*, org. Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento & Maria Luísa Leal, 653-660. Lisboa: Cosmos.
- PITA, Gabriel de Jesus. 1985. "Decadência e queda da Primeira República analisada na Imprensa Madeirense da época". *Atlântico* 3: 194-209.